EDUARDO SALAMONDE

BORDALLO PINHEIRO



RIO DE JANEIRO

1899



EDUARDO SALAMONDE

BORDALLO PINHEIRO

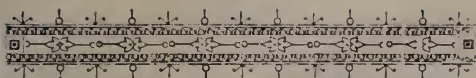


RIO DE JANEIRO

1899

I

O CARICATURISTA



I

O CARICATURISTA

Eça de Queiroz e Bordallo Pinheiro parecem ser os mais claros e poderosos representantes da arte portugueza ao findar este seculo febril, em que a nivelação das intelligencias, o derramamento da cultura, a aproximação cada vez mais intima dos corações e dos cerebros vão desnacionalizando a arte, dando a todas as expressões de sensibilidade e de pensamento como que um unico typo de emoções e de idéas. Vamo-nos tornando pouco a pouco, sem nos apercebermos do phenomeno ou,

melhor, sem nos sentirmos com capacidade de o evitar, artificiaes e incaracteristicos. A' medida que a civilização nos penetra e nos vincula, os contornos da raça como que se apagam, as linhas graciosas ou as arestas duras do caracter aplainam-se e vulgarizam-se, a individualidade dilue-se e o que era em nós original, o que era nativo, o que nos dava um encanto proprio, uma feição, um interesse, uma côr, some-se na banalidade cosmopolita, levada ao galope invasor das idéas feitas, das idéas dominantes e importadas— como uma pobre folha no torvelinho de um grande vento. O mundo despoetisa-se, á força de todos quererem modelar as suas instituições, as suas crenças, a sua litteratura, a sua arte, a sua roupa, por um padrão commum, ás vezes em revolta franca com o ar que nos cerca, com a luz que nos amacia, com a vegetação que nos perfuma, com o langor, o brilho ou a violencia das almas que perto de nós estremecem, soffrem, lutam e deliram.

Já o Oriente se começou a polir, a usar galochas de Manchester, a pôr

collarinhos enfunados á Carnot, a ceiar trufas com champagne, a lêr os romances de Bourget, a detestar a musica italiana, a deleitar-se com os dramas de Ibsen, a ter duvidas amaveis como Renan, a jogar o lansquenet como em Monte Carlo, a voltar olhos reverentes, á maneira occidental, para as doçuras do Evangelho. Com os seus algodões, com as suas gravatas, com as suas escovas, com os seus romances, com as suas genebras, com os seus aços, com as suas partituras, com os seus explosivos, com as suas canções, com os seus missionarios — a Europa espalhou pelas regiões, onde o Exotico floria, o abominavel Tedio que a minava e que é como o bocejo de vinte seculos de analyse, de saber, de conquista, de gozo, de desillusão. O livro, o theatro, o jornal, a pintura, a musica, todas as producções da intelligencia, perdem a individualidade, nesta azafama da concurrencia artistica, que se apossa, ao mesmo tempo e em toda a parte do mundo, da mesma orientação e do mesmo molde da obra que abriu carreira, que marcou época, que rasgou

um horizonte novo, que determinou uma escola, que revelou uma particula do Inedito, que fez as almas vibrarem n'uma emoção virginal. Já os compositores italianos procuram instrumentar á maneira de Wagner, sem comprehenderem o que havia de reflexivo, de intencional, de raciocinado na esthetica do grande reformador ; já a cabotinagem litteraria parisiense se esforça por imitar os insubordinados scandinavos e os visionistas belgas, dando ás crises moraes soluções que balançam entre o cynismo e o disparate ; já pintores, nascidos sob o esplendido fulgor dos céos tropicaes, aquarelizam á maneira symbolica dos que vêem todos os annos o branco e desfolhador inverno, e, desconhecendo as nuanças do nosso generoso azul, se melancolizam nos meios tons cinzentos de certos dias e de certas almas... Estamo-nos tornando os mesmos em toda a parte, e dentro em pouco o viajante só conhecerá ao certo quando passou uma fronteira pela lingua que ouve falar, differente da que escutava quando no veludo do vagão cerrou beatificamente

os olhos, na densa noite, depois de acenar, enternecido, o seu boné aos amigos que delle se despediam na ruidosa *gare*.

*

Ah! de certo o homem é em toda parte o mesmo. Mas assim como o barro de uma região não offerece o mesmo tom do de outra, assim o producto da intelligencia em cada zona da terra toma uma gradação, um aspecto, um caracter, um feitio, uma côr, que não são identicos aos dos que ficaram atraz ou aos que surgirão depois. Diante da originalidade e do poder creador de dois ou tres povos eminentes, as idéas dos outros empalidecem, o gosto deforma-se, a emotividade fana-se, e para que a onda não triumphe, é preciso que de vez em quando algum homem de coragem e de genio opponha á trivialização dos themas em moda e á monotonia dos processos em uso algum grito, algum lampejo de arte propria, em nome das tradições de seu paiz, com toda a belleza e com toda a commoção da sua raça.

Nessa resistencia está o segredo da vitalidade da obra. Neste mundo o que mais facilmente nos appetece e seduz é a imitação — sempre difficil, sempre forçada, sempre infertil. Não nos lembramos nunca de que a obra cuja linha geral tentamos reproduzir, cujo processo nos deslumbrou, cuja graça e cujo poder nos seduziram, foi uma obra original e que a victoria dessa manifestação da arte se explica pela sua enraização no sentimento collectivo, espontaneo e puro da multidão, para quem ella foi eloquentemente destinada. Diligenciamos pensar e sentir com um mestre, seguir-lhe os passos, trilhar-lhe a senda victoriosa, sem reparar que o merito desse grande inspirador consiste em ter feito obra sua, em não se ter disciplinado a nenhuma regra, em sentir de um modo completo o que, não um outro individuo como elle, mas uma grande multidão superior a elle, podia imaginar e comprehender, ou alegre ou dolorosa, ou trabalhando ou gemendo, nas ambições de uma grande gloria ou nas torturas de uma intensa dor. Pertence á arte e

simplesmente á arte a cimentação do dique que ha de preservar da nullidade incaracteristica, da cópia avassaladora, da degeneração intellectual, da chata uniformidade de motivos e de fórmas, destruidora como uma lava, a representação esthetica de cada povo, a sua faculdade inventiva, o seu genio elaborador. Ora, em Portugal um dos dois grandes homens, que comprehenderam o povo, que sentiram a sua tradição, que a accomodaram ás exigencias do seculo, que lhe descobriram os grandes veios emocionaes, que deram á obscuridade da sua força productora a fascinação de uma admiravel renascença, foi Raphael Bordallo Pinheiro.

*

Quando ha vinte annos nos deixou, elle era simplesmente, mas inimitavelmente, um caricaturista. Parece á primeira vista que a funcção da caricatura é destruidora e, portanto, negativa. Deriva este conceito da supposição—ou antes do preconceito—de que a caricatura é a simples deformação dos traços humanos. Em primeiro logar

eu não sei ligar á expressão arte um sentido de utilidade ou educação, pelo mesmo motivo porque não differenço uma arte moral de uma arte obscena. O que distingue a producção artistica é a sua perfeição, isto é, a conformidade da obra com o idéal, que póde muito bem ser o destaque da belleza, como o relevo da monstruosidade, como o aprofundamento do grotesco, como a accentuação da dor, como a saliencia da ironia. O que é preciso é que em toda a obra de arte haja uma emoção sincera, uma espontaneidade representativa—e só é espontaneo o que é sentido. Uma mulher póde despertar n'um espirito baixo appetites eroticos e ter sido, entretando, imaginada pelo esculptor ou pelo pintor na mais casta das esthesias. Ha medicos que, ao examinarem uma doente, enlevam-se nas suas formas e, ás vezes, esquecidos da dor que vão curar e da missão que exercem, pensam em beijal-as antes de formular no papel o receituario salvador. Sei de homens que, ao verem em scena a quasi nudez de uma artista genial, no papel de Aspasia

ou de Dalila, só sentem o devario lubrico e cerram a intelligencia á maravilha da creação. Quem ignora a existencia de confessores que, no recato doce da igreja, palpitam com a narração das fraquezas das pallidas e tremulas devotas, cujos olhos sumidos na sombra do altar dizem a humilhação das culpas? Toda a obra de arte eleva e consola desde que corresponda ao pensamento puro do artista—pensamento que para ser fecundo e nobre deve exprimir um facto ou uma idéa com verdade e com emoção.

Na caricatura ha sempre um thema ironico, ou a caricatura seja de pessoa ou seja de situações. A caricatura, como já foi comprehendida e executada, e temos um exemplo em Philipon, era um pamphleto desenhado; nem a musica com Offenback foi outra coisa senão um libello n'uma serie de rythmos achincalhadores. Nem uma nem outra foram negativas, mesmo porque a reconstrucção, para a qual se necessita de estudo, exije previamente a demolição, para a qual se carece, antes de tudo, de energia e coragem.

E este talento e esta virtude, hoje, mais do que nunca, são preciosos e raros. Na verdade a caricatura não visa senão o lado comico de individuos e a feição hilariante das coisas. Fazer sorrir é uma funcção tão nobre e educadora como fazer chorar, e mais efficaz, mais perturbadora, mais sensibilisante. A lagrima em geral aquieta e quando muito incute ao povo o receio, o terror ou o asco de quem motivo o soffrimento. A gargalhada, se não excita, se não força ninguem a berrar subversivamente na praça publica como o discurso de um demagogo, encerra isto de admiravel: abate, em quem assiste á galhofa, o culto, o acatamento, a submissão ante a pessoa cuja figura lhe appareceu grotesca. No trabalho da reforma social, esta risada desrespeitadora, importando na deserção de um crente, de um illudido, de um devotado, vale pela obra de um sapador, fazendo a custo a mina que ha de facilitar a escalada á cidadella. Essa cidadella é que póde variar de nome: chama-se umas vezes tyrannia politica, chama-se outras pre-

conceito social, e ha casos em que a appellidam de intolerancia burgueza. E', portanto, uma fórma de arte, um systema de critica, e ás vezes uma modalidade philosophica, porque nas differentes maneiras de vêr o comico e o grotesco humano, póde fulgurar, além da surpresa do lapis, a dor de um pessimista violento como Hogarth, a visão phantastica, em pesadellos, do soffrimento universal como em Goya, a indulgencia erudita e a attica de um sceptico como Forain.

*

Caricaturista—Bordallo Pinheiro foi, como em toda a sua obra, essencialmente portuguez.

São as epocas que fazem principalmente os artistas, e com as épocas a força da tradição nacional. Bordallo Pinheiro encontrou a sua epoca, o seu meio, e dessa harmonia do ambiente social com a sua psychologia resultou a sua esplendida producção caricatural, politica ao principio, sem violencias, sem intenções revolucionarias, depois

toda de observação e critica ás affectações do tempo, aos costumes da burguezia, aos ridiculos enthronizados, aos desconchavos de uma babosa sentimentalidade que no amor, na poesia, na fórma de administrar, dava a idea de um povo sem musculo, preso á rotina, incapaz de um grande pensamento e de uma luminosa producção. Esse povo deve ao lapis de Bordallo o typo que o define, com todos as suas qualidades sãs, com a sua virtude excelsa de trabalhador, de mangas arregaçadas, camisa aberta sobre o peito cabelludo, prompto a todos os rudes affazeres da vida silenciosa e obscura, alma alegra e bonachona, desabrochando n'um largo sorriso de simplorio, mais lhano e acolhedor ainda sob a barba que lhe emoldura todo o rosto.

O *Zé Povinho* é bem uma creação de Bordallo, como a *Pera* pyramidal de um rei foi a creação de Philippon, como o *Monsieur Proudhomme* foi a creação de Henri Mounier, como a *Lorette* foi a creação de Gavarni, como *Roberto Macaire* foi a creação de Daumier, como o apalhaçado *Mayeux*

foi a creação de Traviés. De todos estes symbolos nenhum é tão exacto, tão sentido, tão perfeito, tão ethnico, tão nacional, como o *Zé Povinho*. Naquella figura gordaçuda, assaloiada, de riso aberto, forte de pulso, cuja rijeza elle não percebe, credulo, dessa credulidade que descamba facilmente no voto ao Santissimo quando falta a chuva, na pedrada aos maçons quando o missionario indica o nome do hereje; amoroso por excellencia, improvisador em desfolhadas por herança lyrica, ignorando o medo, desafiando inconscientemente o perigo, serviçal, honesto, contente com a sua sorte, no supersticioso receio de que Deus lhe mande em castigo infortunio maior— *Zé Povinho* é bem o typo immortal de uma nação, superior a todas as phantasiosas caricaturas dos franceses, dos ingleses, dos americanos, o retrato expressivo de um povo, em cuja doçura, em cujo riso affavel, em cuja sobriedade, em cuja vontade de cavar a terra, de affrontar os mares não ha outro desejo senão o de ser util, o de saber amar e tornar-se digno, em troca,

de um grande amor. Essa idealização bastava para immortalizar Bordallo se não se levantasse em seu louvor, como um hymno animado, a seria estupenda de figuras que, delineadas sob o seu incomparavel senso do comico, articulam e representam a deliciosa farça da burguezia portugueza.

*

Na sua evolução natural, dada a esterilidade dos combates da opinião escripta ou desenhada contra os regimens actuaes, a caricatura deixou de ser deformativa e pessoal para se tornar significativa e social. Os individuos foram postos á margem; ficaram os costumes, os preconceitos, as hypocrisias, as ostentações pedantes, as virtudes desfrutaveis. Como diz um jornalista francez n'uma publicação recente, a caricatura fez-se comedia, não de caracteres á maneira de Molière, mas de situações á maneira de Labiche. Hoje, como Caran d'Ache em França, como Buch e Oberlander na Allemanha, a caricatura tomou

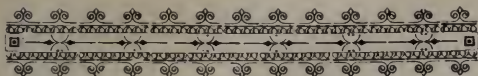
quasi o caracter de uma pantomima graphada. Temos, pois, ante nós duas phases caricaturaes. Na do libello, com a caricatura individual, os traços do homem alvejado fornecem o pretexto á satyra pela sua desfiguração intencional, de modo a fazer destacar nessa hyperbole ou nesse viciamento physionomico o aspecto moral que se pretende tornar comico. Na de costumes, o artista mantem a maior regularidade das linhas, retrata quasi os personagens, e n'uma serie de pequenos quadros, pelo simples jogo das attitudes esboçadas em riscos breves, toda uma comedia se representa, todo em ridiculo alegremente estoura. E' neste ultimo genero que o talento do Bordallo radia com mais intensidade, avesso como é pelo temperamente a rajadas de lapis, a virulencias de ironia, á estygmatisação caricatural.

O que lhe apraz, o que o seduz, o que o commove é o rumor da vida, é vêr de alto o tumultuamento dos pequeninos seres que aqui andam n'uma labuta trefega, como formigas humanas, a fazerem imperios, a criarem

regimens, a estabelecerem familias, a dizerem mal uns dos outros, a pisarem, na ancia do dinheiro, os corpos dos mais frageis, a gostarem desesperadamente das mulheres alheias, a apregoarem, como seu patrimonio exclusivo, as qualidades que não possuem, a inventarem heroes de que se riem, a adorarem deuses em que não creem, a formularem juramentos que não cumprem. E' esse espectaculo confuso, donde elle sabe extrair com a sua alegre alma de peninsular, toda enamorada de belleza, estranha ao calculo, á conveniencia e ao methodo, umas gottas de pittoresco,—que Bordallo Pinheiro nos faz passar ante os olhos, turbulento, hilariante, arlequinado, na mais bizarra, na mais luminosa, na mais travessa das galerias comicas, com uma expansão, uma espontaneidade, uma finura de riso, já agora immortaes na historia da caricatura.

II

O OLEIRO



II

O OLEIRO

A esse sentimento da tradição, profundo em Bordallo Pinheiro, se deve o renascimento da industria ceramica das Caldas, de que tão curiosos vasos, tigelas, pucaros, malgas, infusas e panellas, com o seu relevo tão vivo e o seu esmalte tão alegre, attestavam a excellencia do barro e o gosto dos antigos oleiros. A região das Caldas é de velha data um viveiro de obscuros artistas, em que a aptidão technica e o senso profissional se desenvolvem, tornando-se como innatos, á força de passar

de pais a filhos, no correr de seculos, esse officio da fabricação de louça. A imaginação desses homens é que parecera stractificar-se n'um certo numero de fôrmas e de padrões do maior encanto, sem que nenhuma intervenção intelligente viesse espertal-os, movel-os, interessal-os no aperfeiçoamento da sua manufactura tão primitiva ainda, tão simples, identica nos processos á dos seus anonymos antecessores, os oleiros e os telheiros da idade média. Sem espirito de iniciativa, ignorados completamente pelos poderes publicos, batendo-se desesperadamente uns contra os outros para darem vasão no mercado ao maior numero de productos, esses pobres oleiros coalhavam toda a zona com os seus fornos classicos de telhas e de ladrilhos, deixando assim apagar-se aos poucos a tradição desses lindos artefactos do vasilhame portuguez, onde por tanto tempo sorrira nos mais graciosos desenhos e nas mais festivas e alvoroçantes cores o genio esthetico de uma população rural. Bordallo, seduzido pela graça dessa industria, em que tanto se sentia a ima-

ginação do povo, emprehendeu levantal-a, alargar-lhe os horizontes, impol-a ao carinho nacional e á admiração dos de fóra, como uma das mais fortes e bellas expressões da emotividade artistica portugueza.

Dar alento a uma industria que modorrava ; crear uma grande fonte de actividade e de producção ; estabelecer ao mesmo tempo com essa manufactura de tanto prestimo e tão superior belleza um fóco de alta educação artistica ; assegurar pela introducção de novas idéas ornamentaes e pela liberdade e frescura dos themas decorativos, a popularização e o esplendor dessas faianças cuja belleza e cujo valor se olvidara— é obra que honra uma alma e engrandece um paiz. Essa é a obra de Bordallo Pinheiro, cuja louça, exposta em Paris, valeu pela mais poderosa das revelações, descobriu aos olhos maravilhados de um publico, que difficilmente se emociona, uma fórma nova e dominadora do criterio de um povo rico de imaginação, espontaneo, vibratil, creador, e de uma alegre e impetuosa phantasia sob o seu aspecto

sorumbatico de devoto, de guloso e de passivo. Com uma machina, uns pilões, uns tornos, umas rodas, umas prensas, uns moinhos e uns fornos, este admiravel artista faz na sua extravagancia bohemia mais pelo credito da intelligencia da sua patria, pelo renome da sua cultura, pela varonilidade do seu caracter, pela finura da sua percepção esthetica, do que fizeram no seu bom senso burguez e respeitado dez gerações de ministros, e não sei quantas graves e sizudas sessões parlamentares. E, entretanto, o Bordallo, no opinião do vulgo é que leva a vida airada e os outros, na opinião do mesmo, é que trabalham e suam...

*

O portuguez possuiu sempre em alto gráo o amor do pittoresco, do bizarro, do colorido. Ha modas em critica como ha modas em pintura, como ha modas em mobilia, como ha modas em vestuario. Assentou-se durante certo tempo que o portuguez era melancolico, como se sob aquelle céo azul e no abraço daquelle verde tenro, o homem

dos campos, o que quer dizer dos adros, das romarias, dos descantes, das fogueiras, das guitarradas, dos arraiaes, das vindimas, pudesse ser um casmurro e um descrente. As cidades com os seus enxertos de civilização banal podem ser affectadamente tristes, podem ser scepticas, podem ser derreadas, podem ser byronianas, podem ser nirvanistas. O campo é que é sempre o mesmo, ingenuo, jocundo, folião, primitivo, n'um constante enternecimento pela plastica radiosa, pela florescencia divinal, pelo idyllio redemptor. Ora, é na alma genuinamente portugueza do aldeão que se funde a do Bordallo, porque é nella que se desabotoa, n'um desperdicio de seiva alegre, a alma dos velhos brigões e dos trovadores ancestraes, promtos sempre para o rijo cruzamento dos páos e para o sonoro torneio das violas e das rimas.

A eminencia do genio artistico portuguez estampou-se em outros tempos no seu magnifico mobiliario, manifestou-se na opulencia da sua deliciosa ourivesaria, traduziu-se nas bellezas dos seus veludos, exprimiu-se na elegancia

polychroma das suas colchas, derramou-se na phantasia cabriolada dos seus tapetes, subtilizou-se no enlevo dos seus bordados, cantou na graça e no imprevisto das suas sedas, sorriu, como uma flor orvalhada, no esmalte e na decoração das suas faianças. Tudo isso se estancou e fanou com o andar dos tempos, sob a depressora invasão da arte e das industrias estrangeiras. De toda essa escala artistica a nota que ficou vibrando foi a nota ceramica, apontada com espanto por Jacquemart, como descortinadora de um mundo novo, tal foi a inesperada formosura das suas obras, na exposição de 1867. Qual era a sua origem? Teriam sido os portuguezes creadores, quando em toda a Europa se copiava, ou a inspiração lhes viria dos mouros, eximios no tratamento e na adornação do barro? A critica ainda não articulou o seu conceito final sobre esse assumpto, pela falta deploravel de documentos historicos a respeito das origens e da evolução dessa factura artistica.

Sabe-se só, graças aos esforços de investigadores notaveis, entre os quaes

assume papel proeminente o distinctissimo Sr. Joaquim de Vasconcellos, que os artefactos de páo, em uso nas mesas populares durante o seculo XV, cederam caminho definitivamente á louça no seculo XVI. A magnifica exposição de ceramica no Porto, creio que em 1883, apresentou alguns productos de faiança fabricados no seculo XVII, mas que não confirmam o avanço attingido pela arte portugueza, visto que, segundo documenta esse notavel critico, os quadros de Grão Vasco revelavam em data anterior uma esplendida variedade de fórmas na louçaria popular. Ha annos, relembra ainda o mesmo autor, um colleccionista escrupuloso exhibiu em Lisboa, retiradas do convento da Madre de Deus, peças primorosas de faiança de barro vermelho escuro, com deliciosos e incomparaveis esmaltes verdes, oriundas das Caldas, fabricadas no seculo XVI, peças todas de uma imaginação curiosa, intensissima de nitidez e de exactidão no desenho. Demittido esse funccionario, a collecção esbandalhou-se sob as garras ignorantes de alguns *snobs* da época,

como acontece ainda hoje, em que a tradição destruidora dos vandalos surge, affronta, escalavra, tanto os productos da phantasia plebéa como os arrebiques da intelligencia bizarra.

Ao marquez de Pombal se deve o grande movimento renovador que consiguio esporear em galope para o futuro, n'um fremito de innovações, de audacias, de descobertas, o sentimento artistico da nação em lethargo, embalada no mysticismo e na lubricidade fluctuante entre a moda absorvente da musica a a uncção das rezas rituaes. Deve-se a elle a creação da fabrica ceramica do Rato, onde sob a egregia direcção de professionaes como Brunetto, para não fallar senão no mestre primacial, se produziam azulejos ordinarios e de figuras, louça pintada de sortes, chamada de Genova; de terra fina, entre fina e grossa, á imitação da da China, da India e da Hollanda; pucaros de Extremoz e de Maia; telha, tijolos, terra sigilata ou vermelha, mercadejada por preços ricos, aos arrateis, porque ella servia o appetite desvairado e luxoso de algumas damas hespanho-

las, a cuja dyspepsia flatulenta o barro, pelo seu cheiro, tinha o valor de um exotico excitante. Essa febre industrial generalizou-se por todo o reino; encontraram-se novas jazidas de excellente barro; descobriu-se na serra da Estrella o feldspatho que combinado com a argila, segundo uma memoria de Accursio das Neves, deu algumas amostras de *porcelana transparente igual á da Saxonia*.

Os effeitos desta politica pratica, que hoje tão poucos imitam, na absorpção das vilezas do campanario, sentiram-se por muito tempo depois da queda do poderoso e genial estadista e tão vasta foi a sua influencia, tão penetrante o seu espirito, tão organizador o seu molde, que, no começo deste seculo, o governo de D. Maria I outorgava um privilegio precioso ao incansavel e erudito João Manso Pereira, professor regio no Rio de Janeiro, para o beneficiamento da tabatinga, que aquelle pratico considerava igual ao kaolim chinez. Depois tudo isso definhou; veiu o torpor beato; corvejou sobre a nação a intolerancia absolutista: surgiu a hypo-

crisia constitucional e neste debate de interesses e paixões afundou-se a arte tradicional, fecharam-se as fabricas, estiolou-se a acção dos homens. Depois, discursou-se, derramou-se sangue em honra de algumas palavras vazias e quando a paz assomou definitivamente sobre uma multidão de involuntarios e de devotos, o parlamentarismo vencera, mas murchara de todo, na sua haste, como sob a pressão e o entorpecimento de uma profunda neve, a cantante, a rubra, a aromal flor da sentimentalidade portugueza.

*

Eis senão quando, um bello dia, Bordallo se lança á grande tarefa reconstructora. O que os governos praticos não souberam fazer, elle, o idealizador, conseguirá. Da obra já despercebida dos oleiros das Caldas, elle extrairá essa epopéa admiravel, como lhe chama Ramalho Ortigão, da fauna e da flora portugueza. Desse Lazaro elle será o Christo. E sob o influxo do seu genio, irradiou do barro, movendo-se, cantando e rindo, essa magnifica vegetação e essa animalidade

portentosa. Vaguear os olhos deslumbrados sobre a exposição de ceramica hontem aberta, é sentir toda a alma portugueza nos seus musgos, nos seus abetos, nos seus fenos, nas suas relvas, nos seus prados, nas suas marinhas, nas suas espumas, nas suas rochas, nos seus peixes, nos seus mexilhões, nos seus lagostins, nos seus pomares, nas suas noras, nas suas lavouras, nas suas hortas. nas suas feiras, nas suas adegas, nas suas pescarias, nas suas mercancias, nas suas esfolhadas, nas suas ceifas. Elle, oleiro por excellencia, tão vasto nas aptidões como o geial Luca della Robia, esculptor como elle, como elle pintor, como elle ceramista prodigioso, faltando-lhe só, para que a similaridade fosse completa, a delicadeza buriladora do ourives, soube tirar, desse barro magnifico, toda a visão estupenda da paizagem e dos costumes, da mascula gente que labora, medita, ama e padece, na estreita e ensolada lingua do territorio portuguez. Vêde essa estranha variedade de typos, de usos, de cores e attitudes ; impregnai-vos bem dessa

claridade, desses relevos, desses tons, dessa graça, e dizei-me se ella exprime ou não o caracter de um povo, se ella descreve ou não os seus campos e as suas praias, se ella canta ou não os instrumentos do seu trabalho, se ella traduz a risada floral dos seus jardins, se ella interpreta o hymno das suas ondas e o pregão das suas varinas, se ella surprehende a tonalidade dos seus musgos, a estroinice das suas folgas, a candura virgiliana das suas colheitas e o reboliço alacre das suas pescas. Aqui e alli rompe uma modelação violenta e inesperada, como no grupo dos dois sapos que se namoram ; mas notai que ainda nessa creação exotica e até certo ponto caricatural é ainda a mesma bondade que transparece, o mesmo culto pantheista que resalta, a mesma peninsularidade que galhofeia, que se endiabra e se commove. Depois de repousar algum tempo os olhos, fascinados tumultuosamente por essa exuberancia de pittoresco, ide pouco a pouco examinando os typos, as scenas, as paizagens e os feitios, e dizei-me se é possivel accumular em tão pequeno

espaço os traços de uma psychologia social, os elementos historicos de uma evolução collectiva, as manifestações de uma sensibilidade, de uma tradição, de uma cultura...

Na entrada da exposição o velho Portugal, vitalizado por uma electrização de arte, rejuvenesce e expande-se logo na frescura e no donaire seductor dos seus velhos e admiraveis azulejos. Em fabrico, em padrões, em sumptuosos relevos, em esmaltes de viva, fulgurante, como que bailada côr, elles são superiores, não só aos antigos azulejos peninsulares, que copiavam as gravuras allemãs e flamengas, cheias de devoção e historias sacras, como aos que espontaneamente reproduziam caçadas, festas elegantes, idylios, encontros guerreiros, alegres pastoraes. Além dos themas antigos, de arabescos encantadores em grinaldas, em torvelinhos de folhas ou em exuberancias geometricas, destacam-se outros novos, de ineditos motivos e de uma imaginosa audacia, sempre com segurança de technica surprehendente, com effeitos polychromicos admiraveis, com alta

sciencia de desenho e estranha originalidade de decoração. E' pena que entre nós não se acclimate o uso desse precioso utensilio ornamental, que tão bello effeito produziria nas areas das nossas casas, nos adornos dos nossos jardins, com as suas ricas cores, as suas bellas laçarias alicatadas, os seus typos de derivação mourisca, os seus paineis tão impregnados de frescura, os seus esmaltes de tão doce irradiação.

Depois surgem n'uma orchestração esplendida de tons o vasilhame popular portuguez e as peças da cozinha unindo á utilidade caseira o deslumbramento da fórma ; o pucaro, a malga, a panela, a almotolia, o cantaro, o pichel, o gomil, a tijela, o alguidar, a infusa, o tacho, a quartinha, o cabaz, a terrina, a caneca, o frasco, o pote, o areeiro.

E nessa ornamentação ha uma prodigalidade de phantasia que assombra, como que o distilar de uma resina que nunca secca ou a exhalação estonteante de uma magnolia que nunca murcha. Por sob esses pratos, em torno dessas quartinhas, envolvendo essas travessas, assediando esses vasos, ha

toda uma vegetação que trepa, que palpita, que se alastra, que se emmaranha ; ha fructos que espreitam, que amadurecem, que lembram pingos de ouro, que scintillam como esmeraldas, que de tão verdadeiros parecem desprender um aroma de pomar ; ha musgos que rescendem e se espraiam como um forro atapetado e verde ; ha espumas salitrosas que se desmancham junto ás redes ; ha mariscos que se encrustam ; ha vimes que se enlaçam ; ha sapos que pulam ; ha touros vencidos sob o jugo do forcado ; ha saloias segurando gigos onde devem repousar cerejas ; ha pombos em revoada ; ha linhas de pesca e cordames de embarcação que recordam maresia, luares sobre ondas rumorosas. E' toda uma nação que passa, que canta, que mercadeja, que colhe, que vindima, que apregôa, abrindo o seu coração, atravez dessas faianças estridentes, aos que sabem vêr, aos que sabem reflectir, aos que têm neste seculo de egoismo utilitario a rara virtude de se commoverem, descortinando, além da obra da arte individual ou collectiva, o espontaneo

subsidio de um homem ou de uma raça para o encanto e a grandeza da especie.

*

De toda a obra profundamente nacional de Bordallo Pinheiro uma creação fulgura, estupenda entre todas— a *jarra Beethoven*, perante cujo esplendor e cuja sagrada emoção não ha quem não se sinta deslumbrado e vencido. Vi-a hontem e durante uns quinze minutos, meia hora, não sei quanto tempo, os meus olhos pesquizaram essa fórma, essa intenção, esse hymno esculpturado, n'uma doçura, n'uma alegria, n'um extatico embevecimento. Creio que nunca o genio de Bordallo se guindou a essa altura espiritual, se embebeu tanto no seu thema, se devotou tão religiosamente á sua arte. Um homem intelligente e rico a quem uma grande desgraça— a perda de uma filha— enlutou para sempre o coração, encommendara-lhe para o seu salão de musica alguma obra de arte, consagrada a Beethoven. Encerrado por longo tempo no seu *atelier*, como um monge em sondagem de consciencia, elle não teve

outro pensamento, outro cuidado, outra vibração emocional que não fosse destinada á glorificação do mestre, ao culto desse estheta genial. Desde logo, outra não foi a sua idéa senão dar a essa obra cultual a significação de um encanto, de uma adoração, de um hymno. Em mente vasou-a n'um molde etrusco, lançada n'um impeto, n'um arrojo, n'uma invocação, dando na sua fórma altaneira o quer que fosse de um vôo, de um arranco da alma, soffrega de ideal, para a região da Essencia e do Mysterio.

Depois, decorando esse vôo esculptural, vêm os accessorios ornamentaes, os medalhões da época, os grupos animados, exprimindo no seu encanto o fluido dessas harmonias grandiosas. E como um perfume que sobe e se perde, como um suspiro que se desprende, volata da dor, levando para o céo um segredo, assim essa jarra se ergueu, como se azas a dourassem, n'uma gracilidade colombina, toda musica, toda prece, todo amor.

O medalhão do maestro no genero Wedgwood ao lado do grande

bojo, enche de luz toda a obra, banha-a de uma serenidade elysea, como que acolhe na sua paz immortal essa lithurgia soberba de uma alma, atirando para o alto a sua fé no poder do cantor divino. Uma aguia senta-se no rebordo, irmã na liberdade com que o genio penetra no infinito e perto, entrajadas á moda do tempo, aquella moda cheia de graça, tres figurinhas ouvem, inebriam-se com a doçura dessas creações symphonicas, onde a alma geradora da Harmonia e da Dor parece dizer, em soluços deslumbrantes, a agonia do homem, o calvario estupendo dos que duvidam, a bemaventurança ineffavel dos que amam. E de pé, uma rapariga, sobre cujos hombros suaves a mão de um amigo repousa, tenta comprehender essa voz, procura descortinar essa angustia, de olhos embebidos no espaço, infiltrada de doçura, de magia e de receio.

Do outro lado vibra um quartetto e vendo-se a animação desses finos executantes, todos presos ao gozo da sua arte, na certeza da primeira arcada, não ha quem não supponha tambem

que esse violoncello fala, que essa violeta geme, que esses violinos murmuram, tal é a espiritualidade que anima todo o grupo, o recolhimento que transluz desses olhos, a adoração que resalta desses gestos. Na base da jarra a phantasia do esculptor extravasa-se, tumultua, rodemoinha, é allucinação, é febre, é orgia, é tormento— tal a exuberancia prodigiosa de adornos vegetaes, tal o revolutear dessas ondas que irrompem doidamente, que se espraiam, que se levantam, que se cruzam, que se chocam, que arquejam, que rutilam, embalando figuras de relevo magistral, em cujas attitudes se sente a adoração do genio assim glorificado. De azas abertas, em pleno espaço, a Fama debruça-se para a terra, commovida, abençoando o mestre incomparavel da symphonia, o divino subjugador do Som. E toda essa estranha, essa opulenta, essa assombrosa jarra é assim um louvor ao Genio, enunciado na sua fórma mais brilhante, porque nenhum poema, nenhum cantico, nenhum pincel exprimiu esse sentimento do Improfundavel, essa

ancia do Desconhecido, esse culto da Emoção eterna, com tanta subtileza, com tanta meiguice, com intellectualidade tão assombrosa. Toda de barro e dura ella parece, entretanto, leve, fina, prompta a desfazer-se sob um toque de luz, como uma filigranna de espuma, como uma visitação da Graça, como uma aurora, como um sonho...

—

Vão vêr todos a obra genial deste bohemio— que é neste momento, no Brazil, o plenipotenciario da civilização portugueza. Vão vêr como se evoca uma terra, como se configura uma raça, como se póde perceber atravez uma faiança esmaltada a physionomia, a sensibilidade, a tradição de um grande povo. E digam-me depois se o homem que dispõe deste poder, não é bem, na modestia da sua grande factura de oleiro, tão alta como a mais alta esculptura, um dos maiores factores da renascença esthetica de uma nação— um dos mais commoventes interpretes do Espirito e da Belleza universal!

FOI MANDADO IMPRIMIR
ESTE FOLHETO PELOS SEGUINTES AMIGOS
DO AUCTOR :
BELLARMINO CARNEIRO, J. M. DA CUNHA VASCO,
LUIZ JOSÉ DE MATTOS, MANOEL COTTA
E VICTORINO JOSÉ DE MATTOS



TYPOGRAPHIA ALDINA
RUA DA ASSEMBLÉA, 96